

CAPÍTULO 6 DE VISEU COM ÓDIO...

A. LUÍS VAN PATTO

A GÉNESE DOS BASTARDOS DO CARDEAL E OUTRAS HISTÓRIAS

Escrever sobre o movimento *punk rock* em Viseu é muito mais do que escrever sobre um movimento musical, que se calhar nem existiu realmente. Quero apenas falar sobre os *bAstArDos do cArDeal* e a sua história começa algures em 1980, ano em que chego a Viseu para fazer o 11.º ano de escolaridade. De certa forma, “início-me” no primeiro concerto que vejo nessa cidade, o dos *UHF*, ainda na fase de *Cavalos de Corrida* e *Jorge Morreu*.

O ambiente, para alguém vindo do Norte do país, era um bocado desolador: o velhinho pavilhão A da *Feira de S. Mateus* estava a meio gás, com uma data de *friques* piolhosos a esfumaçarem pelos poucos poros que ainda não estavam encardidos, e uma série de pessoal amorfo que batia algumas palmas nos intervalos dos temas cantados pelo vocalista António Manuel Ribeiro. Naquela noite, o que tinha levado os *friques* e a maioria da assistência ao pavilhão era a presença de um qualquer grupo de baile que fizera a primeira parte dos *UHF*, e que iria fazer o fim da festa, tocando temas dos *Supertramp*, *Eric Clapton*, *Deep Purple*, *Rolling Stones* e de outros dinossauros poeirentos.

Eu, os meus crachás artesanais com a cara de *Johnny Rotten* e muitos saltos fizeram a festa, à qual se juntaram mais dois “saltadores pontapeantes”. Abriu-se uma clareira, demos pontapés e murros amigáveis e, no dia seguinte, resolvemos fazer uma banda a que demos o provisório nome de *Humanoid Kids*, em honra, penso eu, dum grupo de *skaters* a que esses dois rapazes pertenciam. Como não tínhamos ideias bem definidas acerca dos instrumentos que gostaríamos de empunhar, fiquei com o baixo e a voz, o Victor Vicente ficou com a bateria e o Zé Pedro Athayde ficou com a

guitarra (foi o único que teve opção de escolha, já que era o único que tinha instrumento).

Os ensaios começaram a realizar-se em casa do Athayde, mais propriamente, no quarto dele: ligava-se a guitarra directamente ao amplificador do gira-discos, eu encostava a minha acústica na parte de madeira da cama para lhe aumentar a ressonância e o Victor batia com as baquetas, que fizera na escola, em almofadas e caixas de cartão... Andámos assim bastantes meses. Entretanto mudámos de nome várias vezes: *Escola Estúpida*, mais tarde mudámos para *PIde* (*Portas Infectas da Eternidade*), depois *Honra Perdida* e, finalmente, *bAstArDos do cArDeal*. Para além da última designação, que foi a que nos granjeou alguma projecção fora da cidade. Ainda conseguimos que um núcleo mais reduzido de amigos se recordasse com um sorriso da fase *PIde*. Em termos de influências musicais nesta pré-história, penso que não será descabido referir *Pistols*, *Sid Vicious*, *Ramones*, *X-Ray Spex*, *Wire*, *Clash*, *Dead Kennedys*, *Anti-Nowhere League*, *Anti-Pasti*, *Plasmatics*, *Siouxsie & the Banshees*, entre outros.

Os temas eram bastante imberbes e *teenager*: ódio à escola, às aulas, ao ensino, culto da destruição, do caos, do tenebroso e pouco mais. Um dos temas mais conhecido no nosso mini-universo de ouvintes intitulava-se *Haverá Paz no Túmulo* e marcou um ponto de viragem definitivo na nossa “carreira artística.” O Athayde fez pela primeira vez um solo, após uma boa dezena de temas prontinhos para “atirar” ao público que tardava e fizemos os primeiros grafitis nas paredes da cidade.

O ambiente em Viseu, entretanto, resumia-se a dois grupos rivais: os *friques*, preocupados em reviver o passado dos irmãos mais velhos, disfarçando essa falta de lógica com as ervas que iam consumindo um



pouco por toda a cidade, e aqueles a que chamávamos “queques” (nunca percebi muito bem o porquê desta alcunha) e que paravam em frente aos *friques*, mas do outro lado do Rossio de Viseu, no clube elitista que os pais deles frequentavam. As grandes preocupações dos *queques* eram as discotecas e os *friques*. No meio musical, apenas existiam bandas de baile que melhor ou pior lá iam agradando a gregos e troianos quando estes não se andavam a perseguir uns aos outros. Nós, éramos apenas os putos a que eles chamavam *punks*, desinseridos desta “saudável” juventude viseense, gozados e escorraçados pela “elite” musical dos bailaricos.

Por volta de 1982/83, fizemos o primeiro concerto num festival promovido pela 7UP. O Victor, por esta altura, tinha já andado a experimentar tocar bateria no FAOJ e eu comprei o meu primeiro baixo uma semana antes. A qualidade do espectáculo foi excelente, dentro da medida do possível (e se atendermos a que fomos das poucas bandas do país a tocar realmente temas originais) mas o júri, que era composto por gente da geração de 1950 não pensou da mesma maneira. Penso que foram os berros do Athayde em cima do palco, indignado porque “foda-se, então esta merda não dá mais alto”, que nos granjearam desde logo uma colagem ao *punk* nacional e nos excluíram das finais do dito concurso. De qualquer forma, também nunca tinha sido essa a intenção, e foi este espírito que perdurou ao longo das várias formações.

Por esta altura (1982/83) recrutou-se para os *bAstArDos* um técnico de som, um tal de *Tupperware* (alcunha que tinha junto aos amigos por fazer todo o tipo de aparelhos electrónicos que a tecnologia de então permitia a partir de caixas da marca *Tupperware*) saindo, poucas semanas depois, o Athayde que foi viver para Lisboa. Sem guitarrista e sem local de ensaios, ficámos reduzidos a um baixista sem amplificador, um baterista sem bateria e um técnico de som sem som para trabalhar.

Vem agora a segunda fase de *Bastardos*. O dito técnico, de seu nome José Valor, tinha em casa uma viola

portuguesa na qual colou uma pastilha de amplificação usada e recomeçámos tudo de novo. Finalmente todos tínhamos instrumentos – um baixo, uma viola amplificada, dois mini-amplificadores artesanais em calhas de alumínio e ligados a colunas de carros, e uma bateria que nós mesmo fizemos com uma grande placa de acrílico que misteriosamente por lá apareceu numa noite de visita a paragens de autocarro. Após uma breve passagem por casa do Valor para ensaios, mudámo-nos para o vão das escadas de acesso ao Cine Clube de Viseu. Era um cubículo de 1x2m² cedido pela direcção, e no qual tínhamos que estar constantemente a fazer intervalos durante os ensaios para vir cá fora respirar.

Por esta altura apareceram outras bandas em Viseu, mas eram apenas projectos de café com muita conversa de *chacha* e complicadas referências culturais, que nem os próprios elementos compreendiam. Assim como apareciam, desapareciam. À nossa volta, continuavam a pairar as bandas de baile. Os *friques* já andavam de cabelo mais curto e tinham fumado o cachimbo da paz com os queques, sendo todos agora uma grande e risonha família que continuava a parar no extinto café *Aquário*, ou junto à estátua do Infante, no Rossio.

O primeiro concerto fora de Viseu foi no Porto, onde tínhamos relações bastante próximas, nos chamados *Concertos da Cruz Vermelha*. A organização foi de Rui Sousa e de Jorge Romão. Tocámos com os *Ratus Urbanus*, os *Culto da Ira* e os *Croix Sainte*. Os dois últimos, vedetas da noite, com aquela pose que já então parecia uma doença grave, ficaram sem público, pois após os nossos primeiros acordes, toda a sala iniciou uma violenta cena de pancadaria que só terminou quando acabámos de tocar, na rua, ficando a sala vazia com os elementos das outras bandas. Soube mais tarde que a sala havia sido “conspurcada” por meia dúzia de *rockers* que ali tinham ido à procura de acção. O que procuravam, encontraram e levaram para contar, os que saíram inteiros... eheheh.

Por volta de 1985, depois de alguns esporádicos e caóticos espectáculos, chegámos a Coimbra, para a primeira parte dos *Extrema Unção*, no já então fechado teatro Sousa Bastos, e com os *Grito Final* de Lisboa,

Na página anterior:

Figura 1: Bastardos do Cardeal

Festival Agitarte, Aveiro – 1985. Coleção de A. Luís Van Patto

também. A organização designa-nos um guia para a estadia em Coimbra e fazemos uma visita guiada (por ele) às tascas, ali ao pé da Sé Velha. O Luís Morgadinho ficou logo embutido de “espírito” *bAstArDo* e penso que nessa mesma noite foi convidado para integrar a formação como vocalista, convite logo aceite.

Banda já de âmbito nacional, passamos para uma sala de ensaios bastante maior, fruto da boa vontade do grupo de fantoches *Juventus* (a que o Valor pertencia) e que retribuíamos com espectáculos para os seus membros e seus convidados. É desta altura a participação na colectânea *Divergências*, na qual o Morgadinho só tocou balões e fez coros pois ainda não estava suficientemente maduro para se aguentar à jarda, do que se pode desde logo concluir que o nosso único contributo para a posteridade, nessa compilação, não é sequer representativa dos *bAstArDos* de então. Estivemos em estúdio cerca de três horas, a maior parte do tempo à espera que chegasse uma guitarra para o Valor, pois este tinha-se esquecido da dele em Viseu, e a afinar os balões com que íamos acompanhar o tema. Esta terceira fase de *bAstArDos* é uma época de exaustos e de anti-estrelato bastante complexa e confusa.

A banda ganha um *performer* excelente com o Morgadinho, o qual vem libertar o meu desempenho no baixo e na secção rítmica, o qual se estende, por consequência, à guitarra do Valor. Note-se que se mantém a recusa em aprendermos a tocar os instrumentos que empunhamos. Quisemos, e esforçámo-nos cada vez mais por conhecê-los, pôr neles aspectos das nossas tão diferentes personalidades, o que penso ter sido o factor decisivo de uma regularidade quase sagrada para ensaiar, quer em Viseu no *Juventus*, quer em Lisboa na *Senófila*. Quando não vestíamos a máscara de músicos percorríamos os pátios das tascas de Viseu, ou apenas o interior das mesmas, em caso de mau tempo, alternando estes passeios diletantes com o jardim dos Cruchéus, o Bairro Alto e o Cais do Sodré, quando descíamos até Lisboa.

O movimento dos *friques* e dos *queques* estava de tal forma diluído que já não se sabia muito bem quem era quem e começavam a aparecer assumidamente putos de calças rasgadas e cabelos em pé que já ouviam música decente. Os locais obrigatórios em Viseu continua-

vam a ser os mesmos, um *cocktail* misto de *ex-friques* e *ex-queques* e de velhos das aldeias. Tornámo-nos “residentes” nos cafés, como local e como bebida, nos quais mergulhámos o Morgadinho sempre que por lá aparecia. Em termos musicais, por volta de 1986/87 nota-se a inevitável cisão nos grupos de baile surgindo bandas com alguma representatividade das quais recordo os *Marianokalate*, extremamente presos ao passado e preocupados com perfeccionismos a mais, e as *Soltadeiras de Água* (ou seria *Largadeiras?*), banda feminina bastante original, que além de não ter nada a ver com os odiosos frenéticos dos bailes, funcionava com gravações de água e seus derivados.

É desta altura a primeira grande cisão da terceira fase dos *bAstarDos*: as fortes personalidades da banda e o extremo cansaço e *stress* a que as nossas agitadas vidas nos conduziam. Note-se que um dos temas mais interventivos foi todo escrito e ensaiado na velhinha *Isabelinha*, uma minúscula e aconchegante tasca de Viseu, e depois terminado de madrugada na rua Direita acima com manifestações populares e intervenção policial. Esse tema tocado na extinta discoteca *Day After*, em que fizemos a primeira parte dos *GNR*, fez com que o Morgadinho e o Valor chegassem a vias de facto em cima do palco, durante o espectáculo, tendo logo nessa mesma noite o Valor abandonado a banda e com ele um segundo guitarrista que estava connosco há poucas semanas, de seu nome Duarte.

Perdemos a sala de ensaios e passámos, durante algum tempo, a ensaiar apenas em Lisboa com o Alfredo Baptista que nessa altura, além de não saber tocar guitarra, tinha a vantagem de viver com o Morgadinho. Pouco tempo depois, mudámos a sede das “hostilidades” para Coimbra onde alugámos uma garagem para desespero dos inquilinos do prédio onde se situava a mesma.

Esta é a derradeira hora dos *bAstarDos do cArDeal*. Cada vez mais fortes e seguros começamos a hostilizar todas as “famíliazecas” desta nossa tão pacata sociedade portuguesa, da qual Viseu, no fundo, é apenas um reflexo mais concentrado, e o que fomos ganhando em termos de público e de amigos desinteressados e altruístas, perdemos relativamente aos grupos de pressão que se sentiram incomodados.



Figura 2: Bastardos do cardeal – 1985. Coleção de A. Luís Van Patto

Em termos políticos a banda nunca foi acomodada a nenhuma ideologia, talvez por ter tido a sorte de nunca ter contado com o apoio de ninguém directamente relacionado com o grande cancro dos partidos políticos. No entanto, o facto de politicamente termos crescido em plena ditadura cavaquista despertou-nos um sentir especial. Em primeiro lugar, despontou a repulsa e o quase ódio (se é que se pode odiar a imbecilidade) pela arrogância com que todos os dias víamos nascer e crescer compadrios, prepotências e a teia da corrupção. É interessante recordar que as várias tendências políticas existentes nos *bAstarDos* convergiram todas para o mesmo fim – a denúncia e o apelo à acção a fim de desmascarar, não só Cavaco Silva mas também todos os pequenos cavaquinhos que pululavam e continuam a pulular por este país fora, na música, nos jornais e na cultura em geral, formando os seus clubezinhos autopromocionais que lhes garantem um tacho pseudo-intelectual, do qual vão servindo as suas receitas, sempre as mesmas, sempre iguais, aos papalvos todos que os endeusaram e que deles se tornaram

dependentes devido à incapacidade de gerarem ideias próprias.

Os *bAstarDos do cArDeal* acabaram quando chegou a altura. Deles resta-me um orgulho enorme, uma saudade imensa e a tristeza de nunca termos tido a hipótese, a tantos concedida, de deixar para a posteridade atitudes e temas que fizeram história.

BASTARDOS DO CARDEAL HISTÓRIAS MAL-DITAS. UM VERME ESCAVA UM TÚNEL NUM MONTE DE ESTERCO

Corria o ano de 1985, mais precisamente o mês de Julho, quando embarcámos na automotora que então ainda ligava Viseu a Aveiro. Talvez dia 11, quinta-feira, já que no dia 12 subíamos ao palco do festival *Agirtarte 85*, pois era esse o nosso desígnio. O convite não sei como surgiu, mas o *cachet* era para nós fantástico: três dias de campismo sem ter de o pagar e ainda

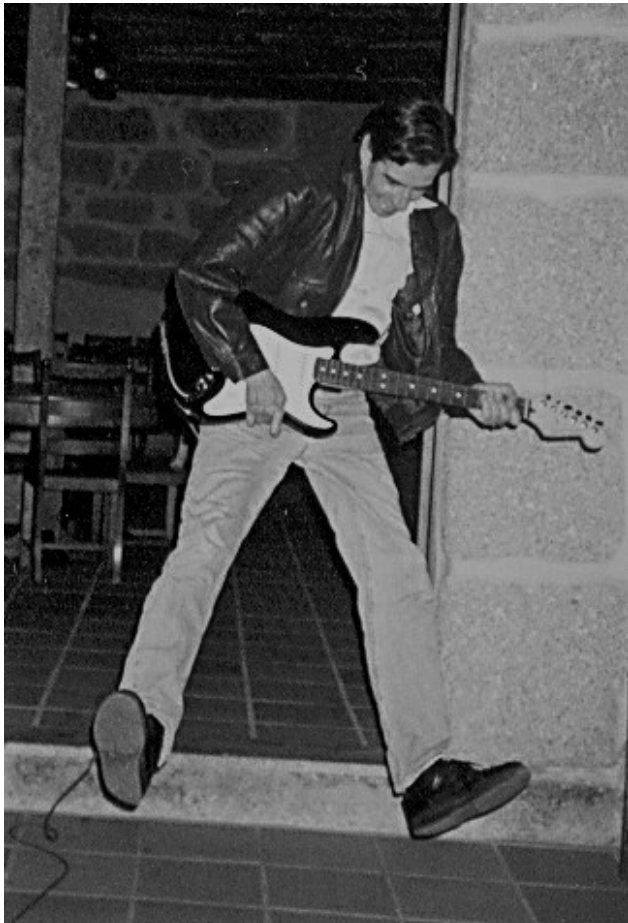


Figura 3: Zé Valor – 2003. Coleção de A. Luís Van Patto

acesso a todos os espectáculos, com almoço e janta de borla na cantina da Câmara Municipal. E lá fomos para a cidade dos canais. Ao chegar já havia algum do pessoal do *Grémio* à nossa espera, vindos da *Invicta* e prontos para embarcarmos como membros da banda, conforme comunicação prévia e solidária.

Da cantina camarária recordo que as refeições eram sempre fartas, mas o que nos confortava ainda mais era o vinho, em garrafa. Era à descrição, ou seja, todas as garrafas que coubessem debaixo dos casacos, mais a que ia em cima do tabuleiro, eram um regalo para o resto do dia, até à próxima refeição. No segundo dia, (nós tocámos no primeiro) eu continuava a ser chamado ao portão de acesso para identificar elementos dos *bAStArDOS do cARdEAL*. No terceiro dia, a cena repetia-se ainda e estimo que nessa festa os *bAStArDOS do cARdEAL* ganharam mais de 30 efectivos. Note-se que todos os novos elementos da banda tinham acesso às mordomias dos membros sénior (e que eram só três, o Zé Valor, o Victor Vicente e eu). O único as-

pecto negativo foi o racionamento do vinho, na noite de Sábado e a falta do mesmo durante o domingo, situação que nos abalou um pouco pois o dinheiro não existia e a vontade de festejar não parava de crescer.

Do espectáculo, que foi na tarde de Sexta-feira, para além da extravagância de o termos registado com um velho gravador de cassetes, as pilhas já gastas e, portanto, sem sabermos se aguentariam o espectáculo todo, a destacar o pormenor de ter subido ao palco, para colaboração artística, o Amândio Barbosa, dos *Guru Paraplégico e os Iconoclastas*, assim como o Luís Morgadinho, que na semana seguinte, em concerto no teatro *Sousa Bastos*, em Coimbra, fora formalmente convidado para integrar a formação.

O tema partilhado, marcante e inspirado em música talvez báltica, registava aquilo que considerávamos ser então a nossa missão no planeta: um verme escava um túnel num monte de esterco. Não sabemos se foi esta profundidade filosófica que chamou a atenção do, então emergente, João Peste. O que sabemos é que fomos aí convidados a integrar a sua colectânea *Divergências*, cuja participação, no que se refere à captação no estúdio *Tcha Tcha Tcha*, em Campo de Ourique, Lisboa, foi paga por nós. Contudo, no final da gravação, não só não nos entregou as nossas bobines como teve medo de nos convidar para a festa de lançamento, em Lisboa, da qual tivemos conhecimento dois dias antes, pelo João Baptista, na altura dos *Extrema União* de Coimbra e também não incluído na lista de convidados.

Por isso mesmo fomos. Talvez tenha sido em Maio de 1986, e entrámos sem estar na lista. Se bem me lembro, alguém chamou o Peste à porta, mas o que sei é que ninguém teve cara para nos barrar a entrada já que o aparato em termos de imprensa não aconselhava a um desentendimento *in loco* com o pessoal de Vi-seu e de Coimbra.

A partir daí as relações com o Peste azedaram mais do que já estavam e, ainda nesse ano, não podendo precisar quando, apenas que era um fim-de-semana, marcámos uma reunião segundo as conveniências dele que nos pareceram estranhas: Sábado de manhã, ou talvez Domingo – a hora é que é relevante para o

MAJOR ALVEGA, BRAGANÇA 1995

caso – julgando que com elas nos quebrava e que não apareceríamos, mas teve azar. Ele dormiu e preparou-se para o (des)encontro, nós fizemos directa a prepararmo-nos para a conferência pois a noite não era para desperdiçar e já que tínhamos que estar a pé às nove da matina, mais valia aproveitar até lá.

E fizemos por isso. Quando nos encontrámos, numa daquelas ruas apertadas lá para os lados do Bairro Alto (não podendo precisar qual, já que me perdia sempre nas direções quando descia até à *Fénicia*), o Peste avisou logo que só falava comigo, caso contrário não haveria conversa. Asneira. Da grossa. Efectivamente, tentou-se uma conversa diplomática o quanto foi possível, mas do outro lado da rua apertada, excluídos da mesma, estavam três *bASTardos do cARdEAL* em directa, e o Peste, afinal, estava armado em não sei bem o quê e não tinha nada para dizer. Resume-se a conversa em dois pontos: exigimos que entregasse as bobines e retirasse os *bASTardos do cARdEAL* de qualquer reedição que fizesse do *Divergências*.

Uma exigência, neste lado civilizado do país, é uma proibição e parece-me que falei efectivamente português, mas o João Peste, talvez influenciado pela complexidade metafísica do tema que ouvira pela primeira vez em Aveiro, estava provavelmente a entender russo, pelo que terá percebido tudo ao contrário visto que, se por um lado é um facto que na reedição seguinte a banda tinha saído da lista, espantosamente dei conta, uns anos depois e movido por uma curiosidade mórbida que às vezes me atacava, que sou o único músico do *Divergências* que aparece habilitado a um crédito qualquer nas reedições em que figuram os *bASTardos do cARdEAL*. Forma airosa de publicar algo para o qual não está a *Ama Romanta* licenciada!? Homenagem encapotada à minha pessoa em representação da banda!? Não sei, mas aproveito esta ocasião para requerer publicamente ao Peste que faça então as contas destes anos todos, que liquide os créditos que há a liquidar e retire de vez os *bASTardos do cARdEAL* das suas publicações, tal como lhe foi dito em bom português há mais de 35 anos. Um verme escava um túnel num monte de esterco...

Em 1995 regressámos a Bragança, a 25 de Maio. A ocasião era a *Semana Académica*, no Castelo da cidade, onde íamos abrir o concerto para *Mão Morta*. O Zé Valor, que trabalhava de dia e vivia de noite, passara a noite anterior a reajustar pormenores no instrumental que nos servia de base à voz e às duas guitarras. Por esta altura tocávamos com a programação toda inserida numa cassete de DAT, o que era uma maravilha pois sempre que saíamos para algum lado já não havia na bagagem, nem ferros de soldar, nem metros de fios retorcidos e aparelhos que só o Valor sabia ligar e manipular, ou porque eram invenção sua ou porque eram complicados de mais para mim e para o Ângelo Almeida. Agora era só levar o leitor de DAT, a cassete, o comando do mesmo e meia dúzia de coisas básicas para ligar as duas guitarras directamente à mesa.

Fomos no meu decrépito *Opel Kadett*, eu, o Artur A., que iria servir de motorista caso fosse necessário, o Valor, o Ângelo e o nosso *super-roadie*, o Alcides. Pouco depois de arrancar despistei-me à saída de uma ponte e quase não houve concerto. O meu co-piloto, impávido e sereno com a minha perícia, não achou, contudo, necessário assumir o comando. Fiz a inversão de marcha, acendi um cigarro para acalmar e aponte o carro para Viseu.

Quando chegámos ao CPRB para apanhar o pessoal, o Valor presenteou-nos logo com a prova de um tinto de Silgueiros. Vinha aí um *cachet* decente, por isso tinha podido dar-se a esse luxo, e já o tinha estado a testar intensamente durante a noite de afinações. Os imbróglis só começaram à noite, já em Bragança.

Depois de deixadas as bagagens na pensão e do som tratado, o Zé Valor, a dar sinais de exaustão, a certa altura desaparece. Após uma busca exaustiva fomos dar com ele a dormir debaixo do palco. Não se segurava em pé pelo que tivemos de o animar com um copo reconfortante, partilhado entre todos, que era a atitude que tínhamos sempre, e subimos pouco depois para o palco para iniciar as hostilidades. A sorte foi termos connosco o Alcides, porque a cada passo que o nosso “mentor” dava, desligava-se ou uma ficha, ou o cabo da sua guitarra (este, que nem sequer dava

conta, continuava a tocar “em seco” numa atitude que teria sido fantástica se saísse dali algum som nessas alturas). Mas não só desligava cabos como carregava acidentalmente no comando do DAT e desligava o sonoro, cortando-o assim e obrigando-nos a reiniciar o tema que havia sido interrompido. Isto se o Alcides acertasse logo com o tema, o que nas primeiras vezes não foi o caso.

Para além deste cenário montado, ainda por cima o *Adolfo Luxúria Canibal* sentiu-se mal e a entrada dos *Mão Morta* estava a ficar comprometida, pelo menos no que respeitava a dar sequência à nossa intervenção num espaço de tempo razoável. O público impaciente já nos estava a “mimosear” com algumas pedras atiradas, a casa estava mesmo cheia e, perante o cenário complicado que se estava a criar, pediram-nos que repetíssemos o *set* todo, dando assim tempo para que o *Canibal* se recompusesse e a festa global decorresse minimamente dentro do expectável (que há muito deixara de o ser). Como não éramos meninos de nos acobardarmos, voltámos a ligar o DAT e a cena repetiu-se, com mais uns copos em cima. Tenho a sensação que da segunda vez correu um pouco melhor no que respeita às interrupções, já que optámos, como medida de emergência, por posicionar o DAT e o comando longe do raio de acção do Zé Valor e, após o primeiro desaire com fios, deixámo-lo a tocar sem o cabo ligado, mas nessa altura já todos nos estávamos nas tintas para o politicamente correcto e só queríamos era divertir-nos com aquele absurdo formidável que estávamos a criar e a viver.

O final foi fabuloso. Acabamos de tocar e o Zé Valor, que não se tinha apercebido que não estava a emitir som algum, continua em cima do palco como se não houvesse amanhã. Nós, nas escadas de acesso, só nos ríamos. Entretanto ele apercebe-se e termina a sua actuação sem se desmanchar, no palco, a rir-se de si mesmo enquanto se aproximava da escada, a dizer qualquer coisa como “Ó pá! Tinha a guitarra desligada.” Porém, nisto, vem uma fã a correr não sei bem de onde, muito eufórica e a gritar-lhe “não tocas nada, mas és um gajo do caraças!”, e fartava-se de repetir cenas do género perante um Zé Valor agrado com o cumprimento.

Toda a malta ria a bandeiras despregadas. Conversa para aqui e para ali, mais uns copos à mistura e ficámos a assistir à intervenção dos *Mão Morta*. Quando estes terminaram, demos conta que o Zé Valor tinha desaparecido de novo. Como todos pensámos que tinha ido embora com a nova amiga, ou que se tinha recolhido à pensão, fomos para o bar do chefe da organização – o *Tascoela* – servir copos (neste caso, eu e o *Canibal*) enquanto também os bebíamos e inventávamos novas receitas alcoólicas. Não sei quanto tempo ali estivemos, mas foi muito, foi até o bar fechar porque o dono, o J. Vasco, e um dos funcionários começaram a esmurrar-se ali no meio do bar, abrindo-se uma clareira que serviu de palco àquela estranha cena de luta livre, esta também surreal, pois os dois, de estatura XXXL e perdidos de razões e de álcool, batiam-se violentamente em slow motion, até quando caíam.

Só nos restava recolher à pensão, na esperança que o Zé Valor tivesse ido para lá, mas antes queríamos receber o *cachet*, pois no dia seguinte de manhã tínhamos de nos fazer à estrada. Contudo a saga ainda não tinha terminado. O Zé Valor não estava na pensão e o organizador tinha desaparecido. Na altura, não havia telemóveis para contactar qualquer um deles e o telefone fixo da casa do Vasco não era atendido. Deixámos a porta da pensão e do quarto abertas para o caso do nosso guitarrista-chefe aparecer, o que aconteceu no dia seguinte, quando nos estávamos a levantar. Vinha fresquinho. Tinha adormecido de novo debaixo do palco e acordara há umas duas horas, tempo que gastou a percorrer Bragança para ver se reconhecia a pensão e se nos encontrava.

Faltava a parte final, o dinheiro. Encontrámos alguém que nos indicou a casa de uma namorada do organizador, “poderia ser que por lá estivesse, mas não era certo porque nestes dias a malta, aqui por Bragança, passa-se e a noite de ontem foi muito fora.” Felizmente estava em casa, apesar de aquele já não ser um poiso seu há muito tempo. Recebeu-nos no quarto, deitado e, tendo confirmado connosco o valor acordado, virou-se, meteu a mão debaixo do colchão levantando-o um pouco. Retirou de um monte, mais do que generoso, de notas um punhado delas. Contou-as, deu-mas a contar, pediu desculpa pelos contratemplos e, tendo agradecido a nossa visita, desejou-nos boa viagem.

CAPÍTULO 7 DE COIMBRA PARA O MUNDO

VICTOR TORPEDO



Figura 1: Banda 77 Revolution Rock. Coleção de Paulo Eno

BYE BYE MARYLAND

Esta história tem novamente como um dos intervenientes de proa Paulo Eno, mas na sua versão *nineties*. Para vos situar no tempo e no momento – EUA – último ano da década de 1990. A banda em causa, os 77 *Revolution Rock*, e os seus elementos Victor Torpedo, Paulo Eno, Pedro Chau, André Ribeiro e Kaló.

Os 77 tocavam *punk rock*. A nossa música era explosiva (talvez de mais) e rápida, assente numa pedra basilar de cariz político e social, carregada de uma urgência que é própria deste estilo de música e de uma visão optimista, acreditando sempre que o Outro pode fazer parte desta visão mais igualitária da sociedade. Em suma, era uma banda com palavra e consciência

política. Uma banda tão explosiva que não conseguiu conter o pavio da sua detonação e autodestruição por muito tempo. Uma história muito *a la Sex Pistols*. O que procurávamos nós? Editar um disco, fazer uma digressão americana e *bye bye*. Mas quem teve a sorte de nos ver, principalmente nessa digressão, de certeza que nunca nos irá esquecer... E claro, existe o mítico concerto no CBGB'S que pode ser visto e revisto no *Youtube*.

O engraçado na tour americana dos 77 *Revolution Rock* é que Paulo Eno foi apresentado e vendido ao público americano como o novo Messias do *punk rock*, mas na pele do mal-amado e diabólico G.G. Allin. Um *Kind of Intellectual*, um G.G. Allin polido do *punk* português (como se isso fosse possível!). Por sua vez,



Figura 2: 77 - Tour EUA. March for the Americas. Newark DE, 12 de Outubro – 1999. Victor Torpedo e Bill Saunders. Coleção de Victor Torpedo

o Paulo ficou chocado quando viu pela primeira vez o documentário acerca de G.G. Allin. Ele não se reviu em nada nessa estrela decadente, dependente de drogas pesadas, *redneck*, violento (a bater em mulheres, no público, etc.), a defecar em palco, e por aí fora. Não era esta a imagem que Paulo Eno queria vender à América violenta, a qual tanto desejava descobrir e conquistar. Ele era sem dúvida alguma uma versão muito mais avançada, intelectualizada, revolucionária do “monstro” Allin que lhe tinham acabado de apresentar. Sentia-se ao lado de Fidel Castro, ao lado da estética e do bom gosto de Brian Eno e David Byrne e da mensagem de esperança de Joe Strummer. Por assim dizer, uma versão moderna, romântica e artística do Robin dos Bosques musical. Íamos à América para os saquear, para nos mutar e abastecer da sua cultura, transportando o rasto da nossa “destruição”. Só vou contar uma das histórias dessa digressão americana, pois se eu fizesse uma compilação de todos os eventos dava um livro bem grosso. Adorei todos os momentos daquela *tour*... todos mesmo, apesar de muitos *setbacks*¹ e desencontros próprios de uma viagem destas.

1 Dificuldades, contrariedades.

CRAZY BILL

Viajámos pelas estradas norte-americanas nas zonas nordeste e este-centro acompanhados por um músico, artista plástico e amigo de longa data a quem chamávamos de Bill Maluco (*Crazy Bill*). O seu verdadeiro nome era Bill Saunders. Ele trabalhou em vários projetos musicais e por esta altura estava a preparar a sua candidatura a *Mayor* de New Haven, no Connecticut. Bill andava quase todo o tempo vestido de mulher, ostentando fisicamente a caricatura feminina de uma personagem que havia criado – *Miss Messed Up*... *Eh!Eh!Eh!* Era uma visão grotesca. Usava uma peruca ruiva, um vestido às bolinhas de *pin-up*, os seus óculos eram fuscos e com 1000 dioptrias, com barba, pêlos enormes nas pernas e no peito, e com um testículo quase sempre fora da cuequinha. E também foi como *Miss Messed Up* que se candidatou a *Mayor*. Aquilo foi um autêntico terror para todos os seus oponentes políticos de New Haven e, claro, foi adorado por todos os *freaks*, *outsiders* e desviados pertencentes ao mundo artístico do condado. Agora podemos imaginar aquele casal perfeito together – Paulo Eno e *Crazy Bill* – intelecto e loucura juntinhos num casamento perfeito.

Bom, logo no início da *tour* Paulo Eno massacrou o incrível Fernando Pinto, o dono da *Elevator Music*, a editora dos *77 Revolution Rock*, promotor e agente da banda para a digressão americana, a fim de se fazer a qualquer custo um *detour*² no meio das datas agendadas, de forma a que a banda fosse tocar na “March for the Americas”, em Newark DE, 12 de Outubro de 1999.

Este êxodo, este movimento de massas, de pobres e de *homeless people* de todas as partes do país, fazia uma longa e dura travessia até Washington nesta altura do ano. Para algumas pessoas esta gigantesca viagem durava meses. Eram corpos carregados de dor, fome, frio e de pouca esperança carregando os seus poucos pertences, empurrando os seus carros de supermercado cheios de nada, cheios de lixo, esquecidos, mas com esperança de serem ouvidos e vistos por alguém à sombra do Capitólio. Claro que todo este percurso tinha paragens programadas. Era nestas paragens que várias organizações humanitárias prestavam cuidados de saúde e davam todo o tipo de apoio possível a esses viandantes.

Depois de muito esforço, Fernando Pinto conseguiu abrir as portas para que a banda se pudesse juntar a esta caravana humanitária, dando uma ajuda à causa. Apesar de estarmos longe, a cerca de 400 milhas de Maryland onde se encontrava a cabeça da marcha e onde iriam acontecer vários eventos e protestos, nós decidimos fazer essa mudança de trajetória para nos juntarmos à luta.

Paulo Eno estava eufórico, confiante, em modo revolucionário e com a ideia que os músicos dos *77* iriam ter um papel importante no desenrolar desta história. Eu, o André Ribeiro e o Kaló já estávamos calejados devido às digressões anteriores dos *Tédio Boys* por terras dos EUA. O Paulo Eno era novato nesta situação, mas raposa batida no mundo do entretenimento. O Pedro Chau estava sempre pronto para a ação pois já tinha travado muitas batalhas a meu lado.

Mesmo antes de termos deixado Portugal, tínhamos avisado o Paulo que iríamos ter um mês muito duro nos Estados Unidos e que andar na estrada não era pera doce. Sabíamos que pouco descanso, dormir em situações difíceis e muitos quilómetros ou, melhor,

milhas de estrada eram pratos garantidos na nossa ementa. Mas eu e os outros adorávamos isso e riamos-nos da ideia romântica que o Paulo tinha sobre fazer uma *tour* a sério.

MARYLAND

Vamos então diretos à nossa aventura em Maryland. Sei que chegámos a meio da tarde ao local onde tínhamos combinado com uma das organizadoras. A cidade ainda não estava em alvoroço, porém já havia muitos preparativos de última hora a serem feitos pelas organizações comunitárias e humanitárias, umas locais e outras nacionais. Estávamos cansados. Tínhamos tocado na noite anterior e passámos o dia a conduzir, mais concretamente, eu a conduzir e o Bill a ajudar-me.

Pelo final da tarde toda a atmosfera da cidade se transformou. Começámos a ver filas a perder de vista de pessoas, um fenómeno quase bíblico, milhares de pessoas com os seus carrinhos, muletas, ligaduras nas pernas e pés. Eram seres despojados de cores e sujos da viagem. Sentia-se a dor, tanto física como mental, destes seres humanos. Sem dúvida um dos momentos mais pesados que presenciei em toda a minha vida. Algumas destas pessoas já não tinham nada de humano, eram despojos, os esquecidos por uma sociedade sedenta de consumo. Aquele quadro humano parecia ter saído de um episódio de “Walking Dead”.

Foi um dos poucos momentos da minha vida em que vi o Paulo Eno a esmorecer. Ele não esperava nada disto porque pensava que o “March of the Homeless” era algo mais suave, e, no seu romantismo intelectual, julgava que iria tocar para um número de pobres desgraçados, desesperados por ouvirem as suas palavras de contestação e esperança e... o incrível *punk rock* da banda *77*! Não era aquela mole de gentes exaustas e miseráveis o cenário que ele tinha imaginado. Neste novo “filme” estávamos perante a verdadeira América – pobre, esfomeada, andrajosa e consumida. Uma América em dor, uma América escondida.

2 Um desvio.



Figura 3: Tour EUA. March for the Americas. Newark DE, 12 de Outubro – 1999. Coleção de Paulo Eno

O JANTAR

Já era quase noite e estávamos cheios de fome, quer dizer, nesta altura mal tínhamos coragem para usar esta expressão. A organização que nos ia acolher e dar-nos o jantar era encabeçada por um grupo de lésbicas e o Eno quando soube isso ficou todo contente. Na sua cabeça perversa imaginou o mais incrível dos cenários. Imaginou que depois de uma boa jantarada iria levar como sobremesa algumas destas moças com ele. Porém, a imaginação é traiçoeira. As ditas lésbicas eram mais masculinas do que femininas e estavam cheias de trabalho a dar de comer a tanto mendigo que se amontoava, pouco a pouco, à nossa volta. O nosso “revolucionário” claro que se recusou a degustar aquela comida horrível e imprópria para uma estrela de *rock'n'roll*. E, ainda por cima, ao lado de toda aquela mendigagem malcheirosa. Isto foi só o princípio.

Mais umas horas passaram. A noite escura e o frio vieram para ficar, o parque ao lado da escola onde a gente jantou já estava cheio com centenas de pessoas que não paravam de chegar. Nós só iríamos tocar no dia seguinte em cima de uma camioneta, por isso estáva-

mos à espera que nos indicassem o local onde iríamos pernoitar. O Eno ainda não tinha percebido a “coisa”. Pensava que ainda lhe iam trazer uma refeição quentinha e que depois nos levavam a um bom motel para dormirmos um soninho reparador, *eheheh...*

Ria-me sem parar, mas não devia, pois eu sabia que o pior iria sobrar para mim. Dito e feito. Estávamos todos juntos perto da nossa carrinha, numa das zonas do parque, quando de repente uma frota de camiões chegou. Estes pararam, abriram-se as portas traseiras e os elementos das organizações começaram a distribuir cobertores para toda aquela gente que se atropelava. Nós, ao longe, rapidamente nos apercebemos da nossa sina para a noite dura que se avizinhava. Mas estávamos lá, ainda juntos pela causa.

Como era de esperar, o nosso grande mentor e líder ficou chocado com tal situação e abandonou-nos. Pegou nas suas coisinhas e pôs-se a andar em direção ao centro da cidade onde se iria instalar num hotel, isto depois de comer uma boa refeição. Nós ficámos ali especados, mas não incrédulos com a sua atitude. Eno no seu melhor, *rsss...rsss*. O Eno que tanto queria

tocar para os pobres e todos os desgraçados que não tinham uma voz...

A realidade abraçou-nos e ali ficámos espedrados naquele parque frio, rodeados por milhares de mendigos. Na carrinha não havia espaço para todos os elementos da banda, por isso eu e o Bill fomos buscar os nossos cobertores e dormimos juntinhos, ao relento, no meio daquele inferno. Quase não pregámos olho. Ao primeiro raio de sol partimos para o centro da cidade à procura de um *diner* e de um sítio para nos aquecermos. Ainda por cima tínhamos que ficar à espera que o senhor Paulo Eno saísse do seu hotel e se desse ao trabalho de se juntar a nós para os preparativos no camião de caixa aberta onde iríamos tocar. Iríamos tocar em cima do camião ao mesmo tempo que a caravana humana passava pelo centro da cidade.

O NOSSO CONCERTO

Paulo Eno chega perto de nós todo lavadinho, cheio de um belo pequeno almoço e dá-nos a boa nova que não iria tocar. Não iria tocar, pois estava arrependido de estar ali, que aquela marcha era uma loucura e que não tinha nada a ver com o que tinha imaginado. Ficámos assim neste ponto. Nos entretimentos, peguei no resto da banda e decidimos tocar com o Bill assumindo ele o papel de vocalista. Como o Bill não conhecia nenhuma das nossas músicas subimos para o camião e tocámos em *loop* o *I Wanna be your dog* dos *Stooges*.

A caravana desfilava em *full steam*, nós a tocar na parte detrás do camião enquanto os *homeless* caminhavam ordenadamente atrás. Sinais do Paulo Eno, nenhum. Andava às compras pela cidade. De repente, vindo do nada, distúrbios começaram a emergir em vários pontos da caravana devido à abusiva carga policial. Sem darmos por isso o nosso camião parou e veio um polícia bruto tirar o microfone ao nosso Bill (vestido de mulher) que naquele momento era o nosso vocalista substituto. Em tom de rebeldia tentámos voltar a tocar, mas fomos parados de uma forma mais violenta nesta segunda investida policial.

De repente parou tudo, a nossa atuação e a própria marcha. E mais uma vez calou-se uma América sem

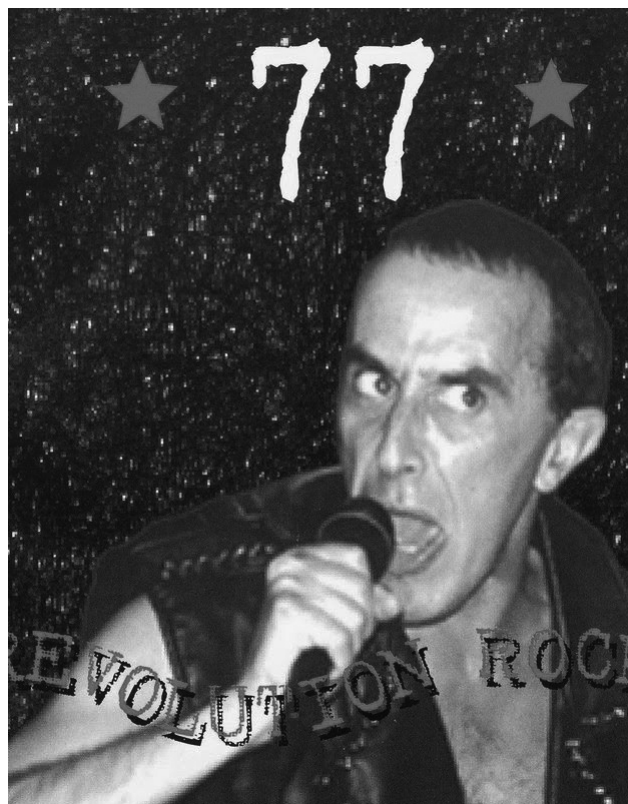


Figura 4: Banda 77 Revolution Rock. Pormenor da capa do CD

voz. O Eno reapareceu, revigorado, bem-disposto e cheio de energia para o resto da *tour*. A polícia ainda veio atrás de nós. Parecia uma cena à *Três Duques*. A força policial acompanhou a nossa carrinha até à saída da cidade. E assim prosseguimos caminho sem olhar para trás. Eu a conduzir, o Bill a meu lado ainda com o vestido às bolinhas e os seus lábios e dentes pintados de *baton* Vermelho forte.

E nunca mais voltámos a Maryland.

OBJECTOS PERDIDOS VS POP DELL' ARTE. OS BASTIDORES

Num passado longínquo, os *Objectos Perdidos*, ou melhor, a "infamosa" *Associação de Intervenção Cultural Objectos Perdidos* liderada pela figura especial, alienígena, brutal, de nome Paulo Eno, foram dar um espetáculo multimédia – música, *performance* e *vídeo art* – ao berço da Nação, a fantástica cidade de Guimarães. Estamos a falar dos finais dos anos oitenta.

A formação dos *Objectos Perdidos* sofreu inúmeras mutações ao longo desses anos. Mas o líder teve sempre o seu lugar seguro, ou melhor o líder confunde-se

com o projeto. Ele é o projeto. Eno = *Objectos Perdidos*. Nesta viagem a Guimarães foram selecionados os seguintes intervenientes: Paulo Eno, Eduardo Fripp, Paulo Milk, Luisa Anderson, Tó, Victor Torpedo, Afonso Macedo e Antoine.

Cada espetáculo dos *Objectos Perdidos* era um *happening* no verdadeiro sentido da palavra, apesar da sua carga conceptual e direção estética. Cada espetáculo era um novo espetáculo, um novo *momentum*, uma nova obra. Espetáculos fortes, de alicerces fortes. Uma desconstrução artística mutiladora, mas pura na sua coerência estética. Um espetáculo completo, estudado e pensado afincadamente para cada espaço, ambiente, época e público.

Guimarães não foi exceção, ainda mais, pois iríamos tocar no mais importante e belo espaço urbano da cidade (Praça de São Tiago) e antes dos *Pop Dell'Arte*, cujo vocalista, João Peste, era na altura o arqui-inimigo de Paulo Eno. Se não me engano, na altura deveria ter os meus dezoito anos de idade e era um dos alegres discípulos do camarada Eno. Na altura, eu ainda não era Torpedo. Era simplesmente o sócio número nove da *Associação de Intervenção Cultural Objectos Perdidos* (AICOP) e chamavam-me *Vitinho Clash*. Porém, sempre tive o Paulo Eno como um grande comparsa, professor e amigo. Nesta fase da minha vida passava horas, dias, mesmo muito tempo, na sua alucinante companhia. Momentos que, mesmo hoje em dia, guardo com grande afeto e carinho. Vem-me o sorriso à fuça sempre que penso nas histórias hilariantes e nas loucuras vividas nesses anos. Tenho vividas memórias e recordações de todos esses momentos, pois estive lá, sempre perto, como uma espécie de assistente do mestre.

Mas vamos ao que interessa. O concerto em Guimarães (uma produção da Câmara Municipal) supostamente teria início às 22 horas e os *Pop Dell'Arte* teriam que iniciar o seu *show* à meia noite. Não ligávamos muito à parte técnica para a preparação do nosso espetáculo, principalmente a parte ligada à música, por isso o *sound check* nunca foi algo com que a gente perdesse tempo. A maior parte do tempo não fazíamos “som”, como se diz na gíria do mundo do *showbiz*. O Eno, nestas ocasiões, simplesmente gritava para os técnicos a dizer: “Som ALTO!” O resto não importava.

Há uns tempos atrás vi uma fotografia dessa noite e

eu estava vestido de *kimono* (não sei porque carga de água estávamos naquelas figuras). *Anyway*, essa é a parte menos interessante desta história. Encarregada das hostes do concerto estava uma rapariga que estudava em Coimbra e que neste momento não me lembro do nome. Ela era a promotora encarregada de trabalhar com as duas bandas. Era uma mulher da moda, da vanguarda, como se dizia na altura. Mas a pobre rapariga era fã dos *Pop Dell'Arte* e fã do seu carismático vocalista João Peste e não ligou muito aos *Objectos Perdidos*, e sobretudo ao seu supremo líder, Paulo Eno.

Eu adorava a horrível postura do Paulo. O Gru, o “Maldisposto”,³ é um amador ao lado deste senhor. Então como medida e estratégia de ataque e de destabilização, eu fiquei com a tarefa de tratar de todos os assuntos técnicos e não técnicos com a jovem senhora. Ela tentou várias vezes comunicar com Paulo Eno, mas em todas as tentativas ele revirava os olhos no meu sentido e palavra todo o tipo de parvoíces e obscenidades, mas sempre mantendo um tom sério. Perante tal *show*, eu e o resto da comitiva não nos contínhamos de tanto riso tal era o stress infligido na pobre moça. Eno não poderia ficar em segundo lugar. Primeiro porque ele era o “Deus do Sexo” e do “Conhecimento” e o outro, o João Peste, era a seus olhos o “outro lado do espectro”. Era simplesmente uma bicha histórica e sem talento. Como é que uma mulher moderna e civilizada poderia agir e pensar daquela maneira? Inconcebível!

O dia passou rapidamente. A parte técnica estava preparada. O jantar foi a demência total com o Eno a fazer provocações constantes à promotora, mas sempre a arrastar o olhar na minha direção, sem nunca, em nenhuma das situações, lhe dirigir a palavra directamente. O homem conseguia fazer e manter estas proezas maquiavélicas toda a noite mantendo sempre o seu ar descontraído, mas austero. Isto, claro, intercalado com os seus truques de malabarismo com a sua placa dentária que passava metade do tempo no seu prato de comida e a outra metade enterrada no seu nariz.

Eram quase dez horas da noite, a trupe estava preparada para arrancar. *Kimono* pronto, *eye liner*, guitarras desafinadas, *make up*, luzes, vídeos e som a postos. Mas algo de terrível aconteceu nos segundos que an-

3 Bonecos animados da série “Minions”.

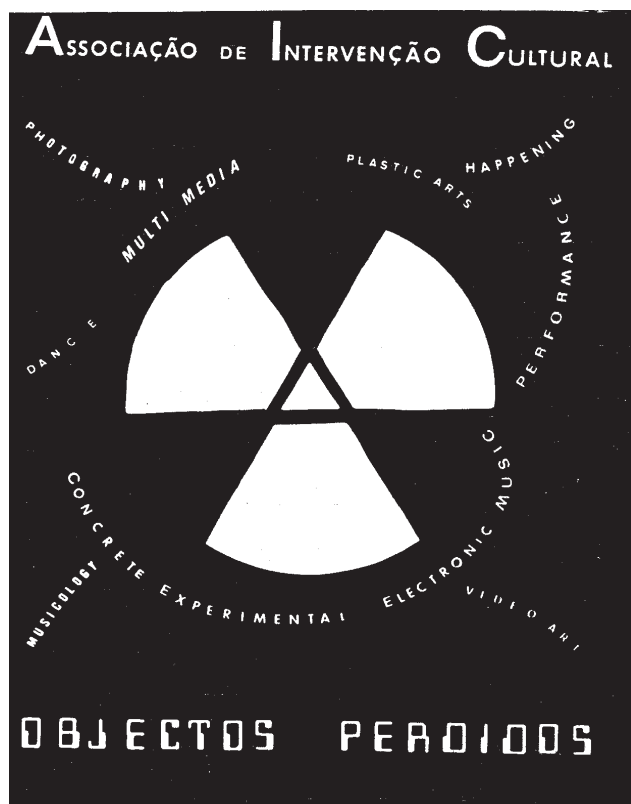


Figura 5: Objectos Perdidos. Flyer informativo. Coleção de Paulo Eno

tecediam a nossa entrada. O Eno diz-nos para esperar pois não haveria espetáculo enquanto não encontrassem a sua famosa camisa. A sua camisa ultra obscena era uma camisa de bolas que continha imagens de cenas escaldantes tiradas de filmes porno, camisa essa que ele adorava e que tinha sido comprada em Berlim numa exposição de arte erótica, e que lhe tinha custado uma verdadeira fortuna.

Neste momento a confusão ainda não estava instalada pois a promotora pediu a toda a gente da equipa técnica e a todo pessoal das bandas para procurarem a tal camisa. Tarefa que parecia fácil e rápida. Contudo, a história não foi essa. A partir desse momento instalou-se o caos. O Eno, em constantes gritos histéricos, provocava a desordem e terror em todo o recinto. A moça promotora num estado de nervosismo constante não conseguia parar de andar de um lado para o outro na procura incessante da camisa.

O horror continuou e o tempo avançava a todo o vapor. Nós, os *Objectos Perdidos*, estávamos felizes e contentes no nosso canto, num riso contínuo. O nosso riso aumentava à medida que as incursões na procura da tal camisa se transformavam em desorientação e desespero. Era com se estivessem à procura do Santo

Graal. E conhecendo a “peça” do Eno como eu conheço, sabia que nada avançaria se a sua camisa não fosse encontrada.

Passadas duas horas de uma procura incessante e com a pobre rapariga já em lágrimas (de ódio e fúria!), e o resto da organização com vontade de nos linchar e queimar na fogueira no meio daquela praça medieval repleta de gente, eis que senão quando a tal camisa erótica apareceu. Era óbvio que o mestre Eno tinha escondido a camisa no seu saco. Todo este *show* depois de ter incriminado toda a gente. Agora fazia-se de vítima da situação, gritava com toda a gente escudado por um sorriso de diabrete, dizendo que tinha sido roubado e maltratado.

A PERFORMANCE

Já passava da meia noite e ainda não estávamos em palco. Finalmente lá fomos, quase empurrados para entrar em palco. O público que era muito já estava farto de esperar e ainda por cima teria que levar com os “incómodos” *Objectos Perdidos* antes de poderem ver a banda que tanto ansiavam – os *Pop Dell’ Arte!* Por isso o nosso espetáculo teria que ser ainda mais *hard-core* do que era normal.

Os vídeos de sexo explícito, o som ensurdecedor de três guitarras, uma bateria demolidora, os gritos primitivos e palavras ofensivas de Paulo Eno durante uma hora e tal de espetáculo foram a gota de água para fomentar o ódio, o caos e a respetiva debandada por parte do público.

Quando saímos do palco já eram poucas as pessoas que restavam na Praça. Missão cumprida.

O pior ainda estava para vir. João Peste, num estado “zonzuado” e irritado depois de tantos ataques vindos de Eno, recusava-se a entrar em palco e fazer o espetáculo. O *manager dos Pop Dell’ Arte*, indignado, atacava a promotora e recorria ao contrato da banda. Mas mesmo assim, os músicos encheram-se de coragem e lá entraram em palco para meia dúzia de pessoas.

Depois desta noite terrível em Guimarães, a rapariga promotora voltou para os seus estudos em Coimbra. Deixou de frequentar os sítios noturnos, os cafés, bares, discotecas onde íamos nas nossas aventuras diárias. E nunca mais falou com nenhum elemento do projecto *Objectos Perdidos*.



THE DIRTY COAL TRAIN

» SEXTA 18 MAIO

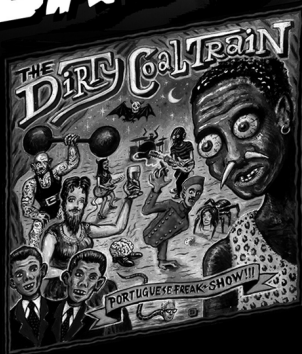


» ALTERNADORES DE DISCOS:
RODAS & ESGAR

BIL: 3,50

C/OFERTA DE FINO

» APRESENTAÇÃO DO ÁLBUM
"PORTUGUÊSE FREAKSHOW"



» **BARRACUDA**
CLUBE DE ROQUE

RUA DA MADEIRA 186, PORTO

» ABERTURA: 22H30 | ENCERRA: 06H00